



■
galeria
■ marco ■
zero
■

Juliana Lapa

A prática artística de Juliana Lapa suspende as fronteiras entre memória individual e coletiva, voluntária ou involuntária, entre as dimensões onírica e política da vida, bem como entre desenho e pictorialidade. Se valendo de diversos materiais, como grafite, lápis de cor, massa corrida, têmpera a ovo e tinta acrílica, a artista realiza procedimentos de apagamento das espessas manchas de grafite e desvelamento das camadas de massa corrida justapostas. O papel e a madeira são os suportes mais comuns sobre os quais Lapa realiza desenhos pormenorizados que se desdobram em composições expansivas. Com isso, a complexificação do tratamento da superfície acontece em analogia ao próprio detalhamento da fabulação narrativa das cenas.

É por esse meio que Lapa encontra um estado meditativo que permite o escrutínio do pormenor

dos eventos, reais ou imaginários, projetados em seu trabalho artístico. Em alguns casos, são reminiscências de acontecimentos biográficos através dos quais Lapa vislumbra a história coletiva que permeia a existência e o trabalho das mulheres no campo. Em outros casos, são sonhos ou símbolos carregados de visões enigmáticas da natureza. Seu trabalho constantemente cita elementos iconográficos da história da pintura, com especial ênfase em alegorias barrocas, como a dança macabra.

Juliana Lapa trabalha a partir de séries que se desenvolvem ao longo dos anos em inúmeros trabalhos. Dentre suas séries mais importantes, somam-se *Breu, Sorte Saúde e Felicidade, Fabulação* e *Outros esquemas do corpo*. Entre as séries é possível notar relações de homologia de seus procedimentos de velamento, apagamento, entalhamento e modelagem da superfície.

Com isso, os trabalhos aludem a superfícies rígidas, como a parede, e variam entre os médios formatos a grandes dimensões.

Juliana Lapa transita por diversas linguagens visuais, como cinema, desenho e pintura. Após participar de expedições à Amazônia e conviver com moradores da floresta e do campo, passou a se dedicar à produção artística. Seus cadernos das expedições ainda são utilizados como ferramenta para reminiscência de situações vividas por Lapa. A artista participou de diversas mostras coletivas e, dentre suas individuais, destaca-se a mostra realizada em 2013, na Casa Viva, em Carpina, cidade onde nasceu. Seus trabalhos integram importantes coleções públicas e privadas institucionais, dentre elas: Pinacoteca de São Paulo, Coleção do Banco do Nordeste, REC Cultural e do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro.





Autorretrato grávida, 2021
lápis de cor sobre papel
125 x 90 cm
Coleção do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro
GMZ.0279





Revoada de Cavalos ou Saudade de casa, 2015

grafite sobre papel

50 x 70 cm



Contos da gruta - cometa errante, 2018

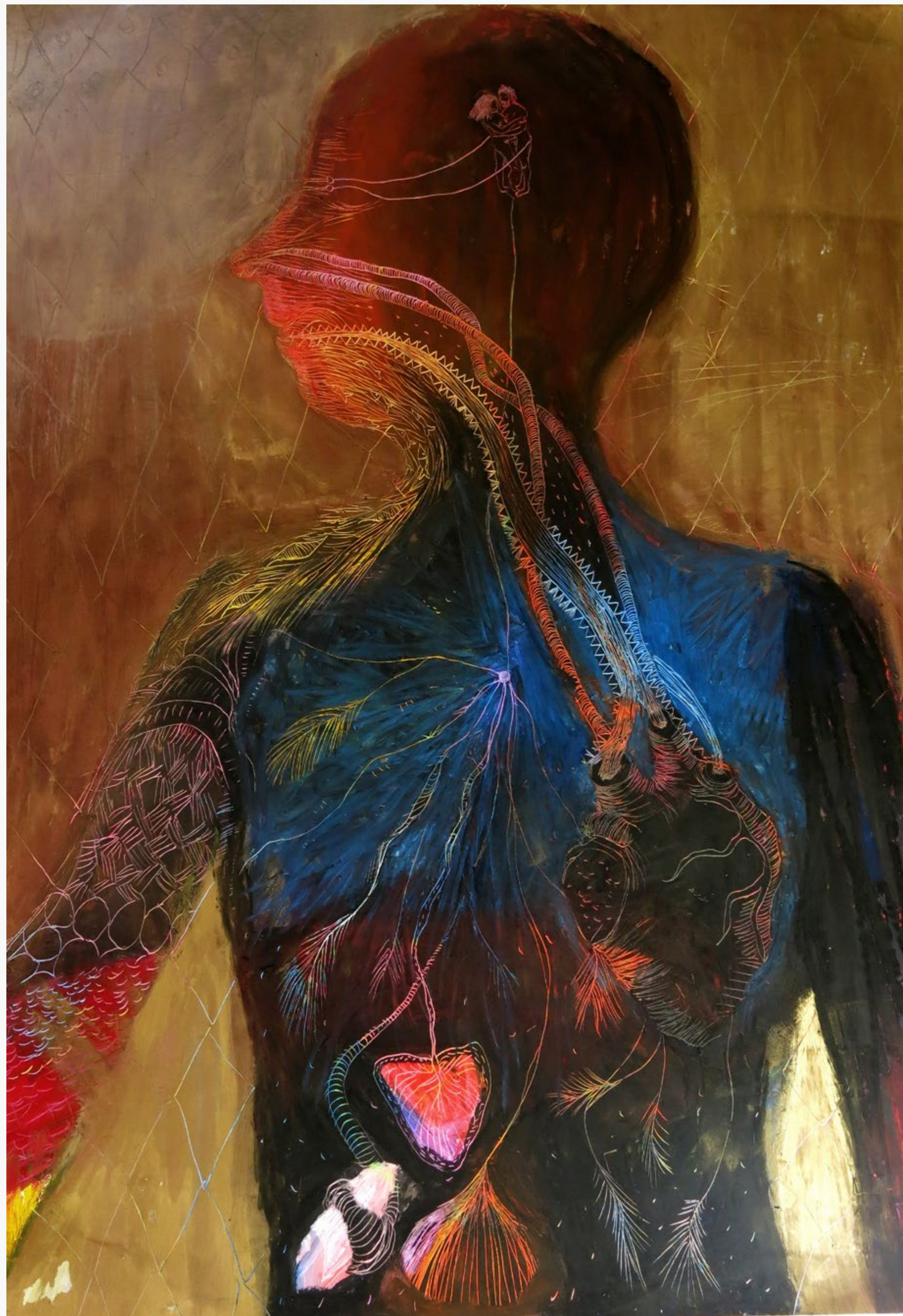
grafite sobre papel

100 x 70 cm



Cobre, 2018
grafite sobre papel
100 x 70 cm





Outros esquemas do corpo - três corações, 2017

pastel a óleo sobre madeira

27 x 42 cm



Contos da gruta - a experiência confirma as suas visões, 2018

grafite sobre papel

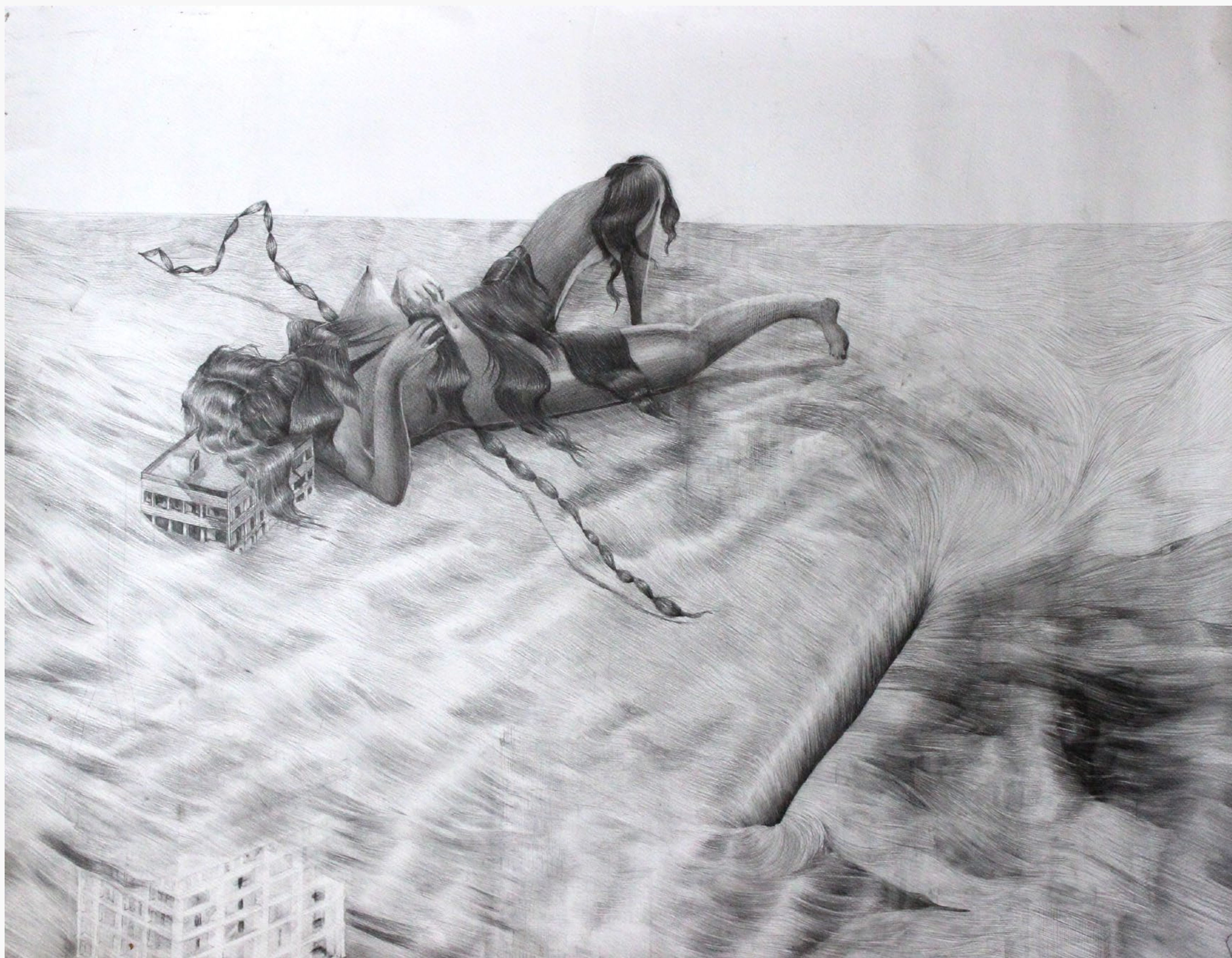
100 x 70 cm



Outros esquemas do corpo - conto da lava, 2016
pastel a óleo sobre madeira
100 x 70 cm







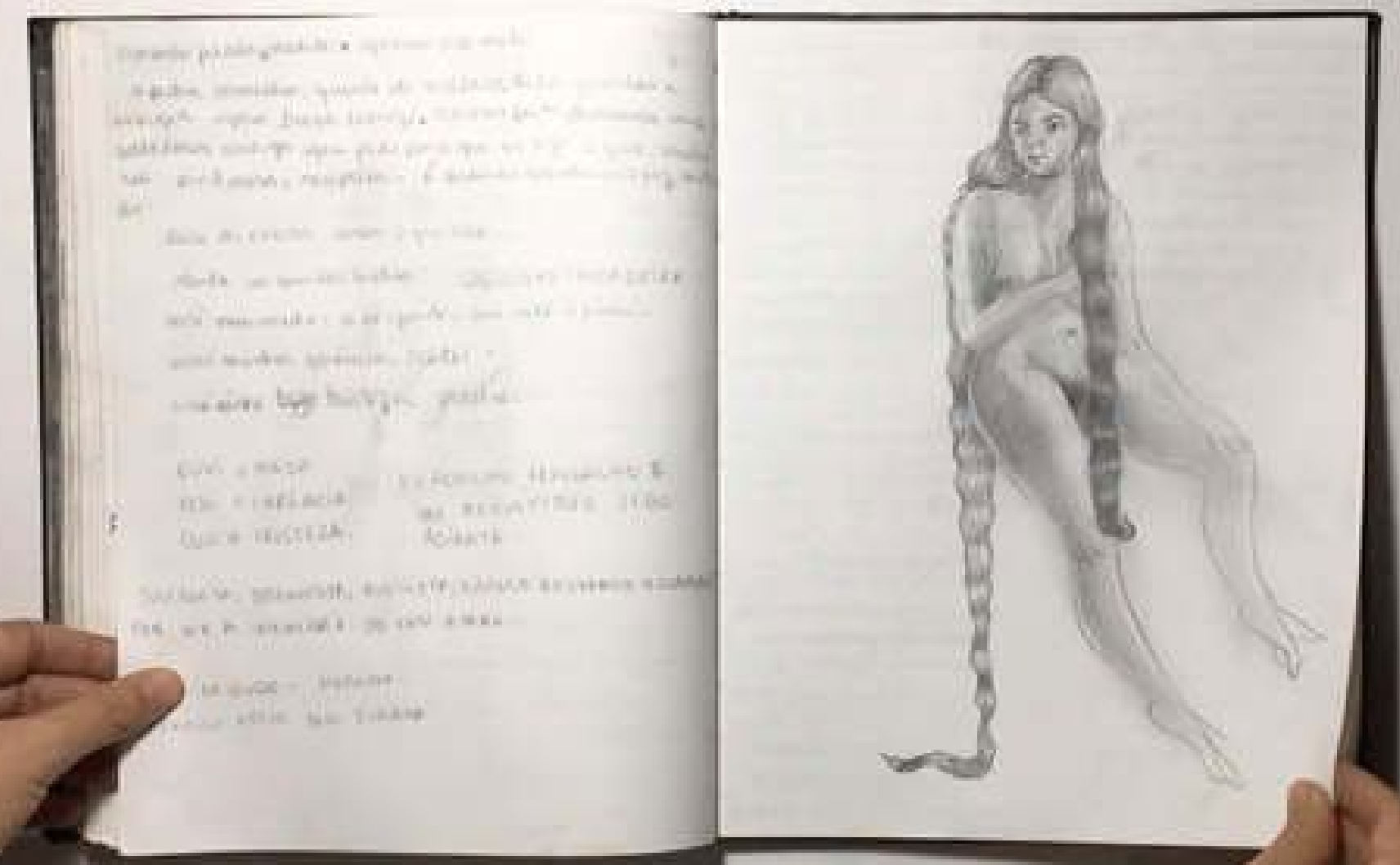
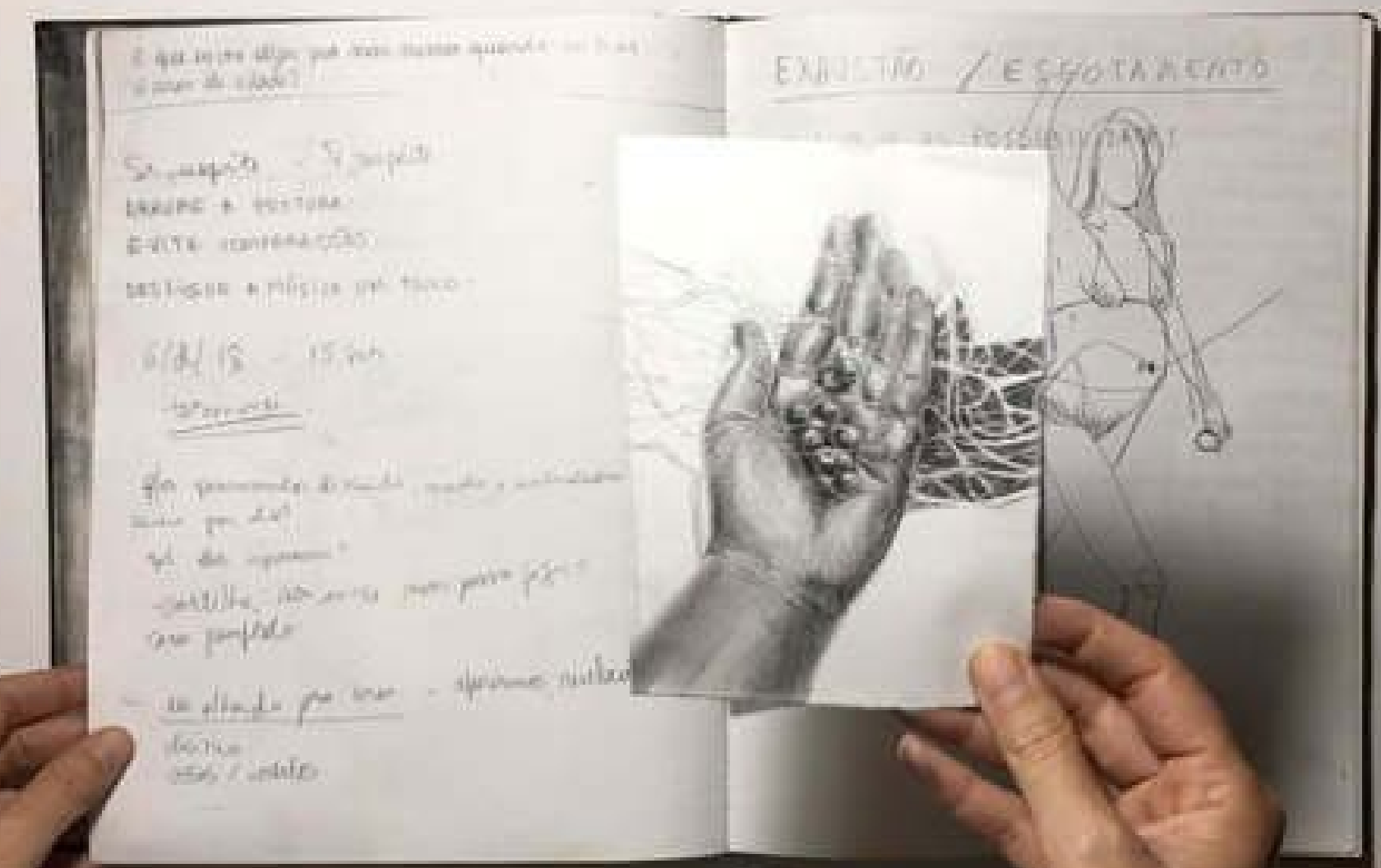
Inundação, 2018
grafite sobre papel
70 x 50 cm



Outros esquemas do corpo - amor, 2020

lápiz de cor sobre papel

100 x 70 cm





Outros esquemas do corpo - morte, 2020

lápiz de cor sobre papel

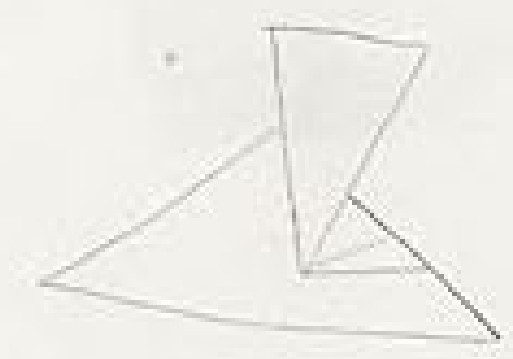
100 x 70 cm



é a morte que existe
e nós existe.



a morte é render-se ao
paradoxo.



O sombo
dentro
do
sombra.

Casa viva - estudos bioenergéticos
sobre sequências da
corpo 2020.
PROCESSO DE MORTE



Breu 1, 2015
grafite sobre papel
100 x 70 cm

A princípio poderíamos supor que os desenhos em grafite da série Breu, produzidos desde 2015, são fruto de observação, uma vez que apresentam afinado apuro técnico e um grande repertório de detalhes. No entanto, são composições livres, imaginadas por Juliana. As tramas, galhos, troncos e entrelaçamentos elaboram um cenário de mistério e medo, junto a um desejo pelo desvendamento. Para a artista, o trabalho aparece como fenômeno mágico e encantado, processo de vidência que instaura novas situações no mundo.

— Pollyana Quintella

Nos labirintos da mata e do corpo, 2018





Breu 2, 2016
grafite sobre papel
110 x 110 cm



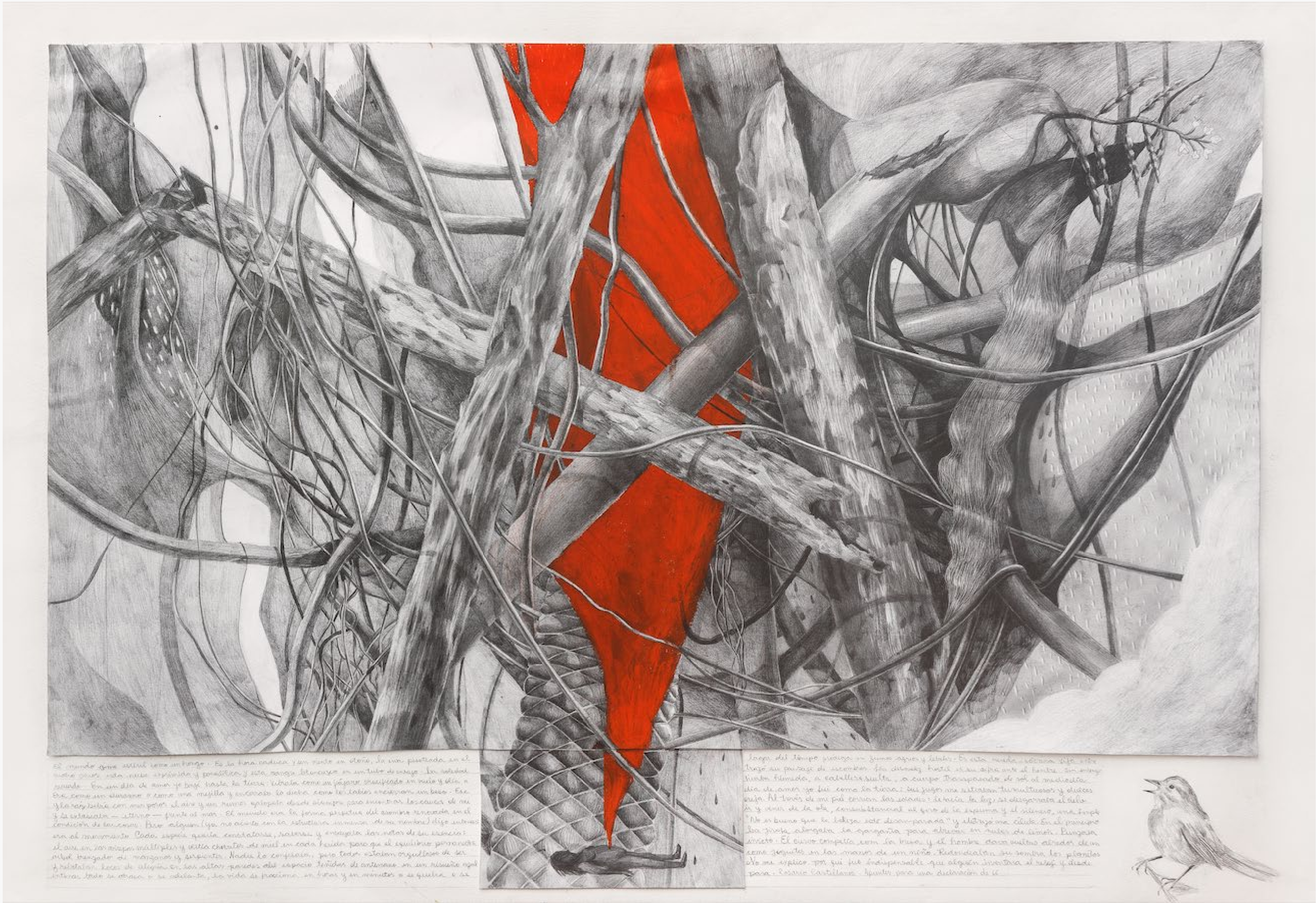
Breu 4, 2017
grafite sobre papel
135 x 135 cm



Ofrenda 2, 2018
grafite sobre papel
150 x 120 cm



Carbano, 2018
grafite sobre papel
163 x 151 cm



Breu - apuntes para una declaración de fé, 2020

grafite e pastel a óleo sobre papel

120 x 90 cm



larga del tiempo predica en zumbos agrios y letales. Es esta vida, esta vida que
trazo su portazo de ascensor. Los arroyos hasta se resaca ante el hombre. Sin embargo
vuelta húmeda, a caballera suelta, a cuerpo transposado de vol al mediodía
día de amor yo fui como la tierra: sus jugos me saturaban turbulentos y dulces
veja. Al fondo de mi piel corrían las olas: se hacía la luz, se desgarraba el cielo
la y venir de la ola, concomitantemente al giro de la espuma y el silencio, una simple
"No es bueno que la edifica este descomparada" y alborzó una cilada. En el principio
sea girata alargata la garganta para atravesar en nubes de limón. Buzaca
sacate. El cisne compaña con la brisa y el hombre cava mullido alrededor de un
como juguete en las manos de un niño. Redondeaban su sombra los planetas
cfo me explico por qué fui indispensable que alguien inventara el relif y desde
para. Rosario Castellanos. Apuntes para una declaración de él.

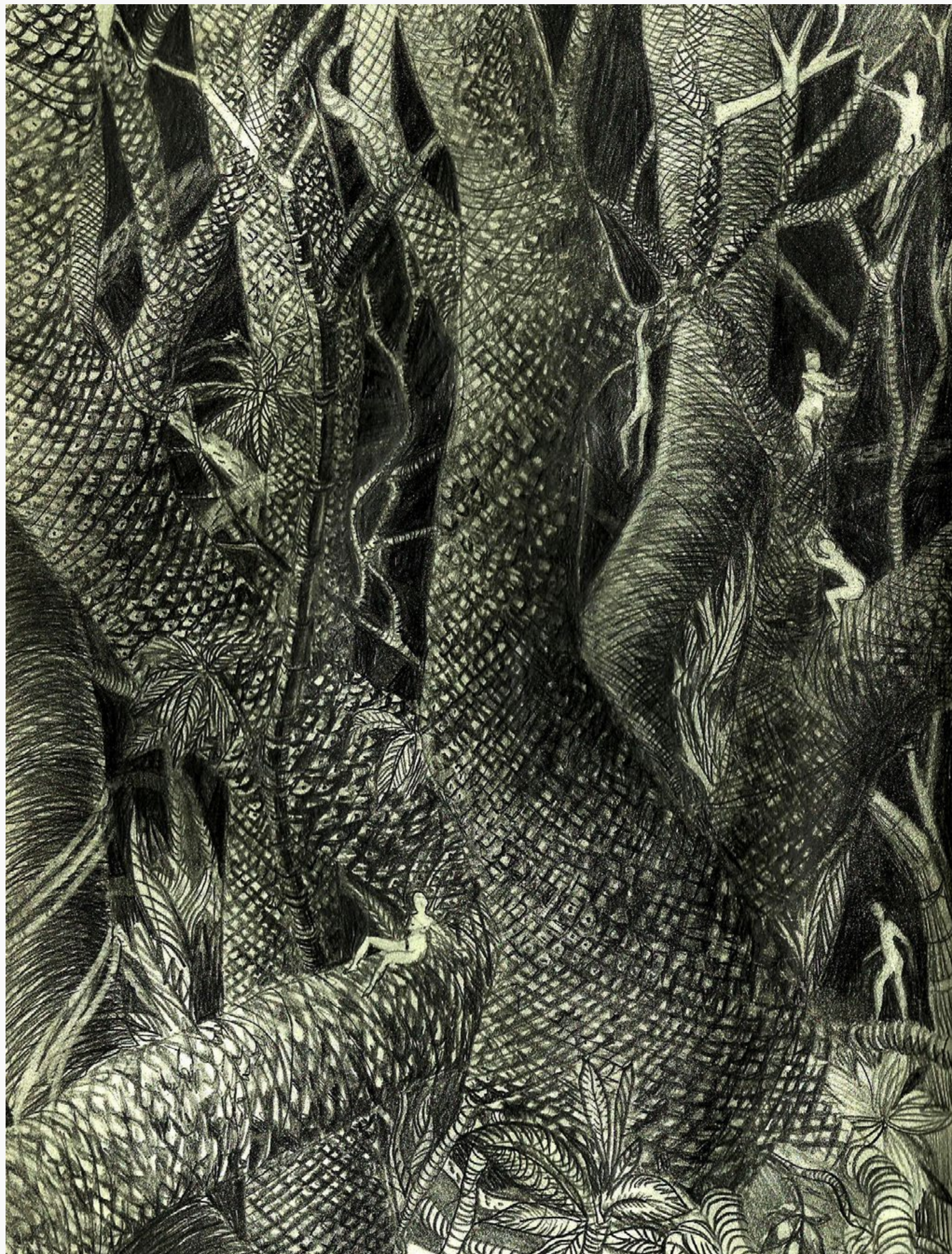




Breu 9, 2019
grafite sobre papel
120 x 80 cm



Breu 10, 2019
grafite sobre papel
120 x 90 cm



*Esboço em caderno de pesquisa, durante viagem a barco no Rio Javari,
janeiro de 2015*

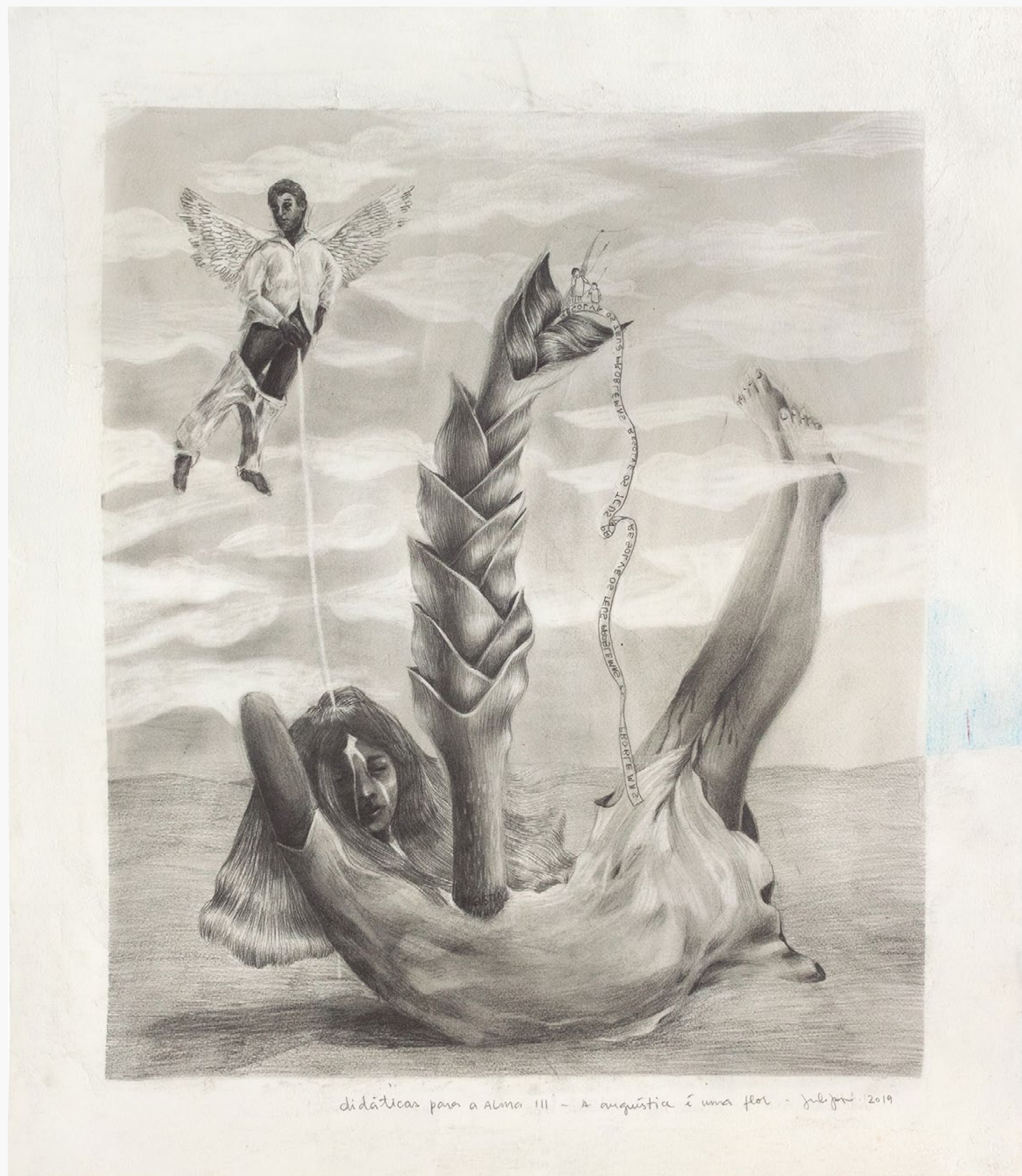
Os primeiros impulsos que deram origem a esta série surgiram do medo entrelaçado ao fascínio diante do mistério insondável da floresta, e a percepção da matéria se desfazendo rapidamente num ambiente ao mesmo tempo úmido, fértil e hostil. Vivi esses sentimentos durante minhas incursões ao Vale do Javari, na Amazônia, em 2012 e 2015, quando fui realizar pesquisa para roteiro e produção para um filme sobre a equipe de proteção etno-ambiental que atua em territórios de povos isolados (Isolar, dir. Leonardo Sette).

Por duas ocasiões, navegamos por dias pelo Rio Javari até alcançar a base de proteção etno-ambiental, localizada na fronteira entre o Brasil e o Peru, e, em outra viagem, seguimos até a aldeia Lobo, do povo Matsés, em uma região ainda mais remota. Estávamos acompanhados de Bruno Pereira, que na época era diretor da Funai em Atalaia do Norte, cidade-porta de entrada do Javari. Bruno, além de amigo querido, era um colaborador de longa data no projeto.

A paisagem era marcada por uma escuridão espessa, umidade constante, lama espessa, e matéria orgânica em avançado estado de decomposição — um berço para a vida invisível, microscópica, sempre ativa na renovação incessante da existência, num ciclo em que tudo se alimenta, se desfaz e se refaz.

— Juliana Lapa

2025



Didáticas para a alma, 2019

grafite sobre papel

45 x 30 cm



Zona da Saudade da Mata Norte, 2023
 acrílica e lápis de cor sobre madeira
 276 x 376 cm



No pináculo central, onde na iconografia cristã geralmente se exhibe imagem de Deus ou de Cristo, depara-se um varal de lençóis brancos, com um deles ostentando uma mácula vermelha bem no meio. A Zona da Saudade da Mata Norte sugere o comprometimento da artista com um ato de fé relacionado ao

trabalho cotidiano, desde a lavagem das roupas até o cultivo da terra. No entanto, o cerne dessa pintura cultua e celebra o corpo e seus ciclos. O corpo que trabalha, o corpo que dança, o corpo que cuida, o corpo que sangra, o corpo que descansa, o corpo que cai. A terra em carne viva.

— Zona da Saudade da Mata Norte e a experiência do sagrado trabalho cotidiano do corpo,
Bruna Rafaella Ferrer, 2023



A festa da morte, da série *Fábula*, 2019
lápis de cor, pastel a óleo e grafite sobre papel
154x154 cm



Gente semente, 2023
lápiz de cor sobre papel
74 x 47 cm
GMZ.0280



Gente semente, 2023
lápiz de cor sobre papel
74 x 47 cm
GMZ.0280



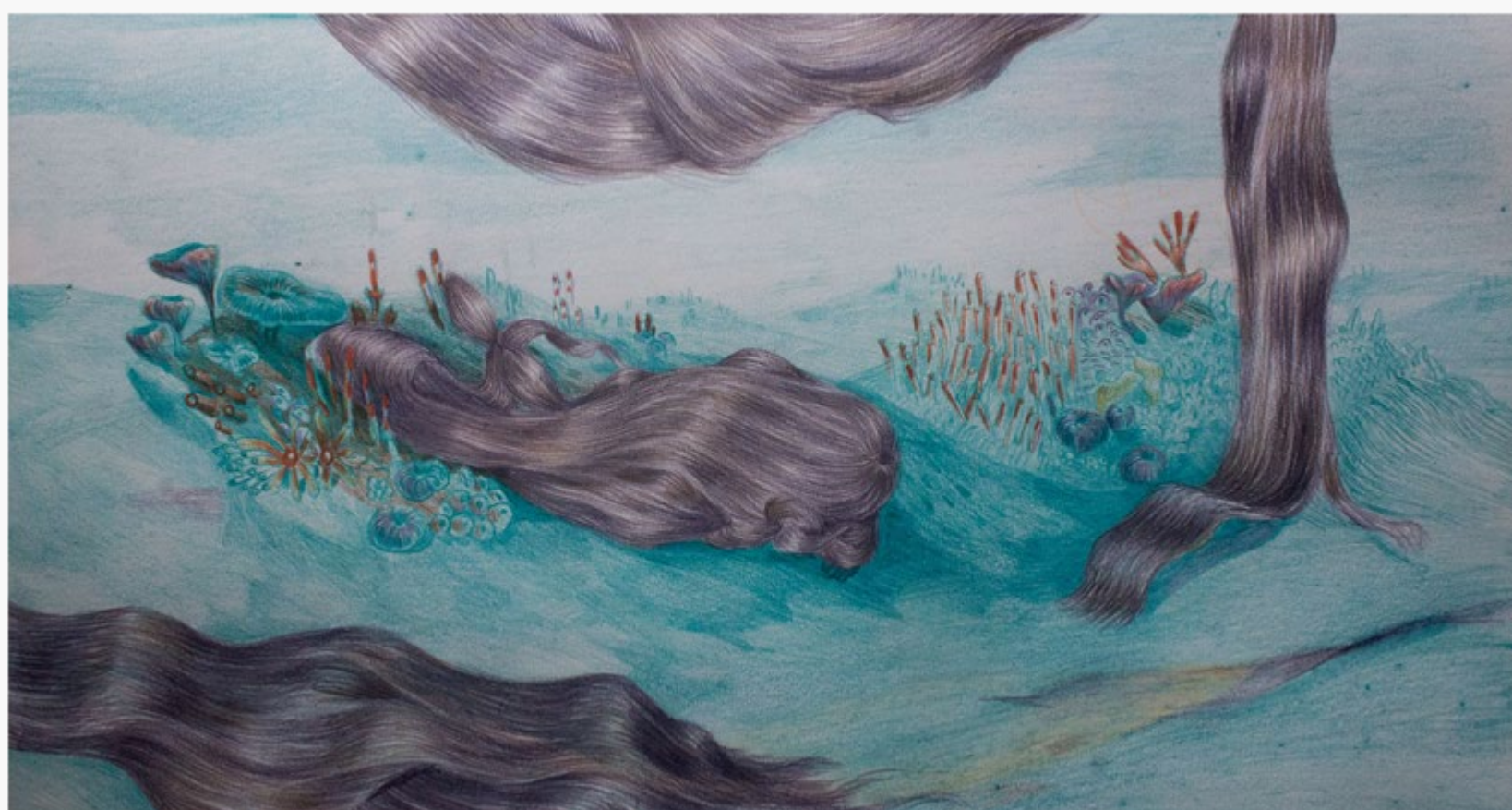
Gente semente, 2023
lápiz de cor sobre papel
74 x 47 cm
GMZ.0280



Vista da exposição Casa viva, 2023

A estratigrafia, técnica aprendida pela artista a partir da arqueologia, abre um novo capítulo de sua produção mais recente. Trata-se de uma técnica de análise das camadas de tinta sobrepostas em edificações históricas ao longo dos anos ou de descoberta de estratos rochosos da Terra. No trabalho artístico de Juliana Lapa, a estratigrafia entra a serviço do desenho. Após justapor diversas camadas de massa corrida policromada, com auxílio de instrumentos de ponta seca, as superfícies são desveladas no interior de um desenho pormenorizado que se desdobra em composições expansivas.

Juliana Lapa



Virgínia submersa, 2021
lápiz de cor e grafite sobre papel
30 x 42 cm (cada)

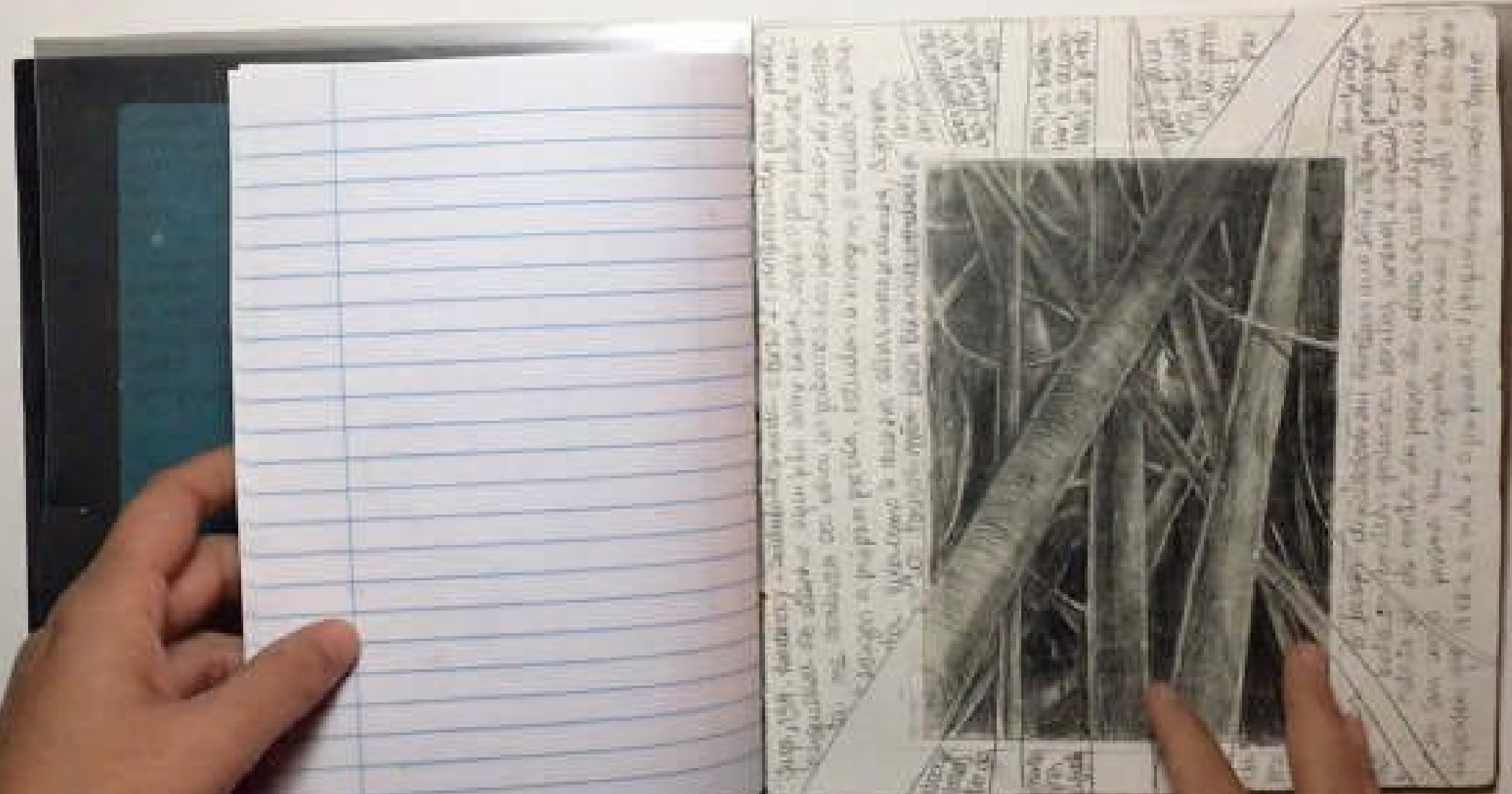
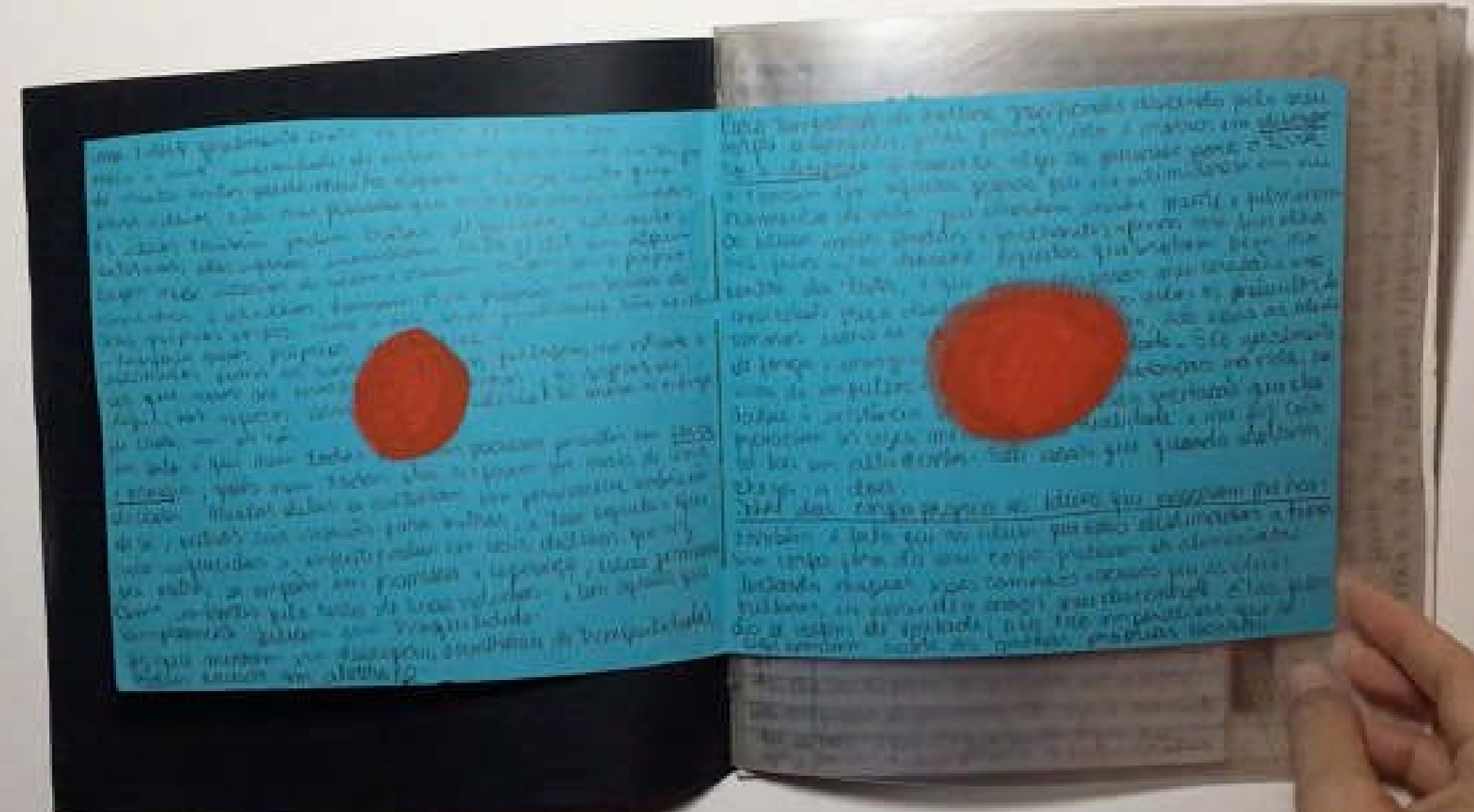


Serpente, da série *Fábula*, 2022
pastel a óleo e guache sobre papel
130x126 cm

Uma mulher numa cavidade debaixo da terra descasca a própria pele revelando escamas de cobra. Os desenhos da série Fábula nascem do desejo de contar histórias, entendendo uma cena de maneira não linear, assim a imagem passa a ser um testemunho, uma revelação.

Em serpente, o corpo é um envoltório que abriga um mistério a ser desvendado pela terra, templo da morte e do renascimento. O vulcão, recorrente na série, aponta para uma força iminente, capaz de gerar mudanças na ordem do mundo – mundo fantástico, mas que aponta para o real.

— Juliana Lapa, 2025





Colheita Noturna, da série Sorte, Saúde e Felicidade, 2023
lápis de cor sobre papel
112 x 125,5 cm



Alagado, 2024
estratigrafia em massa corrida policromada sobre madeira
92 x 92 x 2,2 cm
GMZ.1008





Aguaceiro, 2025
estratigrafia em massa corrida policromada, lápis de cor e tinta acrílica sobre madeira
182,5 x 150 x 4 cm
GMZ.1217



Furacão, 2025

estratigrafia em massa corrida policromada, lápis de cor e tinta acrílica sobre madeira

91,5 x 92 x 2,5 cm





Vista da exposição *Serpentário*, Galeria Marco Zero, Recife, 2025





Chorar a terra, 2025

estratigrafia em massa corrida policromada, lápis de cor e tinta acrílica sobre madeira

91,5 x 92 x 2,5 cm

Coleção da Pinacoteca de São Paulo

GMZ.1299





Colhedora de laranjas, 2025
 estratigrafia em massa corrida policromada, lápis de cor e tinta acrílica sobre madeira
 145x183,3x4,6 cm
 GMZ.1240



Os sonhos sobre nossas cabeças, 2025
 estratigrafia em massa corrida policromada, lápis de cor e tinta acrílica sobre madeira
 183x130 x 3,6 cm
 GMZ.1232





Das tripas, justiça, 2025
tinta a óleo, grafite e lápis de cor sobre papel
147,5x109,5 cm
GMZ.1239



Constelação de serpente, 2022 - 2024
pastel a óleo e lápis de cor sobre papel
127,5 x 151,5 cm





JULIANA LAPA
1985, Carpina, PE, Brasil

Vive e trabalha em
Recife, Brasil

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2023 —
Casa Viva, Carpina, Brasil

2018 —
Eu não estou louca, Torre Malakoff, Recife, Brasil

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

2025 —
Serpentário, Galeria Marco Zero, Recife, Brasil

2024 —
Territórios Desviantes, Galeria Marco Zero, Recife, Brasil

2023 —
O cio da Terra, ócio da Terra, Fundación Pablo
Atchugarry, Miami, EUA
Terra Cor e Vera Veras, Edifício Veras, São Paulo, Brasil

2022 —
Animália, Galeria São Paulo Flutuante, curadoria Manu
Maltez, São Paulo, Brasil
Afnidades 2000–2022: aquisições do Banco do
Nordeste, Museu Murilo La Greca, Recife, Brasil
Sempre fomos modernos Museu do Estado de
Pernambuco, Recife, Brasil
Chamar o Vento, Centro de Artes da Universidade
Federal de Niterói, Brasil

2021 —
An-gi-cos,Tributo ao centenário de Paulo Freire, UFF,
Rio de Janeiro, Brasil
Acervo, artista convidada, Galeria Maumau, Recife,
Brasil

2019 —
Singular pelo Plural, Projeto Confluências, SESC Recife,
Brasil
O cio do Gato, Tereza Costa Rego, Juliana Lapa e Clara
Moreira, Galeria Amparo 60, Recife, Brasil
Cataclismo, Garrido Galeria, Recife, Brasil

2018 —
A Noite Não Adormecerá ou: O Que Jorra, Amparo 60
Galeria de Arte, Recife, Brasil

2016 —
Kuramata, A Casa do Cachorro Preto, Olinda, Brasil

COLEÇÕES

Pinacoteca de São Paulo, São Paulo, Brasil
Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil
Coleção Banco do Nordeste, Brasil
REC Cultural, Recife, Brasil



galeria
marco
zero